



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE CHAPECÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**THIAGO CINTI BASSONI SANTANA**

**CULTURA ESCRITA E HISTÓRIA INTELECTUAL:  
O CASO DE VICENTE MORELATTO E O POEMA DO LINCHAMENTO DE 1950**

**CHAPECÓ  
2018**

**THIAGO CINTI BASSONI SANTANA**

**CULTURA ESCRITA E HISTÓRIA INTELLECTUAL:  
O CASO DE VICENTE MORELATTO E O POEMA DO LINCHAMENTO DE 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fronteira Sul – Campus Chapecó, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Vojniak.

**CHAPECÓ  
2018**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

, Thiago Cinti Bassoni Santana  
Cultura escrita e história intelectual: O caso de  
Vicente Morelatto e o poema do linchamento de 1950 /  
Thiago Cinti Bassoni Santana . -- 2018.  
52 f.

Orientador: Doutor Fernando Vojniak.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. Linchamento. 2. Intelectual. 3. Cordel. 4.  
Narrativa. 5. Cultura escrita. I. Vojniak, Fernando,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.




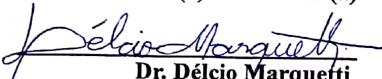
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA  
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426  
historia.ch@uffes.edu.br, www.uffes.edu.br

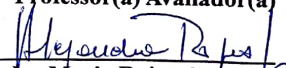
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos doze dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito, às catorze horas, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Dr. Fernando Vojniak, Professor(a) Avaliador(a) Dr. Délcio Marquetti, Professor(a) Avaliador(a) Dr<sup>a</sup>. Alejandra Maria Rojas Covalski.** O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **THIAGO CINTI BASSONI SANTANA** sob o título: "*Cultura escrita e história intelectual: o caso de Vicente Morelato e o poema do linchamento de 1950*", obteve nota 9,5 sendo considerado aprovado.

Chapecó - SC, 12 de dezembro de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
**Dr. Fernando Vojniak**  
Professor(a) Orientador(a)

  
\_\_\_\_\_  
**Dr. Délcio Marquetti**  
Professor(a) Avaliador(a)

  
\_\_\_\_\_  
**Dr<sup>a</sup>. Alejandra Maria Rojas Covalski**  
Professor(a) Avaliador(a)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe, que muito fez para a conquista de meus objetivos de vida até então, e ao pai por também me ajudar neste momento.

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul por ter fomentado, por meio de financiamento de pesquisa – Edital nº 398/UFFS/2017 –, o projeto “Cultura escrita e poesia oral: Vicente Morelatto e o poema da história do linchamento de 1950 em Chapecó”, sendo que grande parte deste trabalho de conclusão de curso é oriundo dos resultados dessa proposta.

Também, ao orientador deste trabalho, prof. Dr. Fernando Vojniak, por ter se engajado nesta pesquisa para além do costumeiro numa orientação, ao professor Dr. Ricardo Machado pelas considerações que efetuou acerca do projeto de iniciação científica anteriormente citado e ao promotor de justiça Eduardo Sens dos Santos pelo empenho que fez no tocante à obtenção de fontes cartoriais acerca de Vicente Morelatto.

Por fim, agradeço os amigos e amigas – cujo os nomes seriam muitos para citar aqui – que me proporcionaram o que considero de mais essencial para que qualquer ação na existência se torne mais real: os bons afetos.

“Este coração que há em mim, posso senti-lo e julgo que ele existe. O mundo, posso tocá-lo e também julgo que ele existe. Aí se detém toda a minha ciência, o resto é construção” (CAMUS, 2014, p. 32).

## RESUMO

O presente trabalho atua por meio de demonstrar como o poema “História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento de quatro presos”, de Vicente Morelatto, pode significar a presença de uma cultura escrita que possui elementos indicadores de performances orais em determinados estratos sociais da Chapecó dos anos 1950 influenciada tanto pelo cordel brasileiro como pelo payadorismo latino-americano, onde circulava o intelectual subalterno que tinha em versos sua voz e memória, atuando de forma criativa pela transmissão de narrativas.

Palavras-chave: cultura escrita; cordel; linchamento; intelectual; narrativa.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Cordel nordestino brasileiro.....	42
Figura 2: Capa do folheto <i>El Gaucho Martín Fierro</i> de José Hernandez.....	43
Figura 3: Capa do <i>História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos</i> .....	43



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CAPÍTULO I – CULTURA ESCRITA, POESIA ORAL E HISTÓRIA.....</b>	<b>16</b>
2.1 ORALIDADE, ESCRITURA E ESTÉTICA.....	17
2.2 A ESFERA CULTURAL DA ORALIDADE E DA ESCRITURA.....	19
2.3 O CASO DE MORELATTO.....	21
<b>3 A INTELLECTUALIDADE REGIONAL: VICENTE MORELATTO E A POLÍTICA</b>	<b>24</b>
3.1 VIDA PÚBLICA, POLÍTICA E IMPRENSA.....	25
3.2 MORELATTO E A POLÍTICA CHAPECOENSE.....	28
<b>4 CULTURA ESCRITA, POESIA ORAL E HISTÓRIA INTELECTUAL: O POEMA DO LINCHAMENTO E SUAS COMPREENSÕES.....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
BIBLIOGRAFIA.....	49
JORNAIS.....	50
FOLHETOS.....	51
OUTRAS.....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Poesia, política, história, oralidade, imprensa, intelectualidade, cultura escrita, coronelismo, linchamento: algumas temáticas que, em consonância, não são tão comuns ao campo da História. No Brasil, pouco se fez uso das diversas compreensões historiográficas acerca da oralidade no campo da História Intelectual, porém, podemos dizer que este é um campo fértil para lançar algumas indagações sobre a história de Chapecó nos entremeios dos anos 1950, sobretudo a uma figura local: Vicente Morelatto.

Diante de uma gama de escritores locais da época, um professor de ensino primário da região faz despontar um mistério de significativa importância no imaginário e na memória do povo chapecoense mesmo que sua existência tenha se dado tempos atrás – grande parte na primeira metade do século passado. Essa figura local, que nascera no Rio Grande do Sul, mais especificamente na cidade de Estrela, fez parte da grande leva de migrações ao oeste catarinense na primeira metade do século passado, acompanhado de sua família. Pouco se sabe sobre sua vida, visto que viveu pouco tempo, morreu com 26 anos de idade, sendo seu óbito objeto de lembrança de diversas estruturas e acontecimentos que relembram tempos sombrios da vida chapecoense.

Filho de João Morelatto e Leticia Telk Morelatto, o jovem professor formou-se em contabilidade aos 25 anos pelo Instituto Universal Brasileiro, com sede em São Paulo. Viajava com frequência à capital paulista em sua labuta pelo título acadêmico. Também tinha curso básico de pilotagem de avião e, após sua formação contábil, estimulou sua vida profissional através da prestação de concursos públicos.

Não se sabe bem certo a data da vinda de Vicente Morelatto e sua família para a região oeste de Santa Catarina, porém sabe-se que a ocupação de terras na Linha Bento Gonçalves, localidade onde residia o jovem professor, datam da década de 1920, por “intrusos”, à 1940, por compradores regularizados, contantes nos cadernos contábeis da Colonizadora Bertaso, Maia & Cia (1921, p. 100; 1944, p. 17). O que se sabe, e com exatidão, é que Morelatto era “trovado dos bons”, conforme consta em um documento oficial biográfico remetido à Câmara Municipal de Vereadores de Cordilheira Alta (s.d.), localidade que compreende a atual situação distrital da Linha Bento Gonçalves.

O termo “trovado” relacionado ao professor municipal remete à prática do repente, forma de se entoar versos improvisados e que fazia parte da rotina das camadas mais populares latino-americanas, tanto por seu uso lúdico como informativo visto que nas regiões

mais rurais a circulação da informação protagonizada pela imprensa era de pouco vista devido a logística da época no tocante às editoras e o público pouco alfabetizado. E essa característica foi o que fez com que Morelatto se fixasse na memória de uma parcela do povo chapecoense. Nos anos 1950, o “trovadô” se empenhou a entoar seus versos de uma forma diferenciada, escreve o poema “História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos”. Com seus versos agora não mais de improviso, desdenhou sobre um caso que assola a história da região: o linchamento de 1950.

Os atos de linchamento não são peculiaridades na história brasileira, e esta prática ainda vigora nos dias atuais. Quase sempre acompanhado de uma grande carga moral e religiosa, o caso de Chapecó teve grande repercussão não apenas na imprensa nacional, mas também em outras localidades do globo, como na Bélgica pelo *Le Soir* (HASS, 2013, p. 21). Sumariamente, o espanto causado por tal acontecimento se deu pelo caráter político que teve na cidade de Chapecó.

Podemos dizer que a sociedade chapecoense era basicamente formada por colonizadores e as famílias que encabeçavam esse processo de colonização tinham forte relação com a economia que movia a região – de um lado os madeireiros representados pelos Maia, de outro os administradores territoriais representados pelos Bertaso. Como se pode imaginar, a situação política na qual se encontrava o país ainda sofria com uma estrutura de poder bem-posta na cultura política brasileira, o forte mandonismo abrangia quase todos os espaços da vida pública. Uma vez que a elite colonizadora se configurava pelas características mandonistas, a vida das pessoas que protagonizavam a oposição política não era fácil. As perseguições à oposição faziam parte do cotidiano cidadão e iam desde pequenos atos de terror até a tortura e a morte.

Basicamente, a representatividade na política partidária se configurava entre os pessedistas aos mandos da elite local e os udenistas, petebistas, dentre outros que representavam a oposição às políticas coronelistas na cidade. Essa hegemonia colonizadora também abrangia a esfera judicial local, com delegados e juízes em consonância a essas práticas mandonistas, e, ainda, a vida cotidiana, por meio de capangas e guardas policiais.

Tendo isto em pauta, o ano de 1950 caracteriza-se como uma virada no poder executivo municipal. Os petebistas, em coligação com a UDN, o PSP e o PRP, vencem as eleições com a candidatura de José Miranda Ramos, um jovem advogado de 34 anos que já tinha uma certa experiência política em Chapecó por ter ocupado o cargo de vereador em mandatos anteriores (HASS, 2013, p. 72). Com isso, existe uma grande especulação que gira em torno da relação do ato do linchamento com a derrota da elite local no executivo

municipal, pois o incêndio da igreja aconteceu na noite em que a apuração dos votos se findava. Após o incêndio, abriu-se o inquérito, porém caminhou sem muito êxito em seus desdobramentos acerca o crime que destruiu a igreja católica local.

No dia 6 de outubro mais um incêndio marcou a região, e neste, culpabilizaram de primeira dois homens “forasteiros”, os irmãos Ruani e Ivo de Oliveira, tomando como base alguns relatos de testemunhas que os viram no local incendiado pouco antes do ocorrido. Após isso, todo o enredo das investigações “terminaria” na prisão de quatro indivíduos, sendo um desses Orlando Lima, jovem petebista que participou da campanha de José Miranda Ramos à prefeitura. As provas que relacionavam Lima ao crime eram pouco plausíveis, sendo os depoimentos de Ruani e Ivo de Oliveira, sob tortura, o que basicamente o incriminou.

O empenho de diversas figuras importantes no âmbito regional para a soltura dos presos ou uma concessão de *habeas corpus*, principalmente no que se refere a Orlando Lima e seu irmão, se deu por parte das frentes partidárias vencedoras. Uma dessas figuras que circularam nos trâmites do processo foi Roberto Machado, jovem advogado e escritor local, um udenista. Durante todo um período de alguns dias tudo parecia estar se encaminhando para a soltura dos Lima, até a tortura havia sido confirmada como meio errático praticado pelo delegado Arthur Argeu Lajús para descolar uma confissão que envolvesse os Lima, porém, no dia 18 de outubro de 1950, uma parcela da população chapecoense invade a cadeia local e mata esses presos, e, como se não bastasse, ateam fogo em seus corpos em praça pública.

Conforme discutiremos de forma mais detalhada algumas dessas questões neste trabalho, podemos dizer que o linchamento de 1950 incitou à população diversas formas de usos desse acontecimento como forma de rememorar ou ressignificar o coronelismo na região de Chapecó. Antes de tudo, o poema de Vicente Morelatto pode ser visto como parte desse empenho narrativo de rememoração acerca dessas questões, e mais, o poeta também fazia parte do meio intelectual local. Por mais que o “poeta chapecoense” fosse jovem demais e não fizesse parte da elite local, e mesmo que não publicasse textos em jornais citadinos, há vários indícios de sua relação com os intelectuais da oposição a partir de uma certa aproximação com as reflexões traçadas pelo jornal dos udenistas em Chapecó, “O Imparcial”, e os articulistas e intelectuais que nele publicavam. De certa forma a própria morte de Morelatto é atribuída implicitamente a uma relação conflituosa entre os pessedistas da elite, que procuravam abafar o acontecimento e calar as vozes dos que intentavam rememorar-lo, e sua composição poética.

Podemos afirmar que existem indícios plausíveis para atribuir ao poema de Morelatto muitas características da poesia oral. Mesmo sendo um escrito, os elementos que aludem sua leitura em voz alta, diante de um público ou indivíduo, são diversos e, sobretudo, a prática

dessa leitura poderia caracterizar o poeta como um intelectual, mesmo que subalterno<sup>1</sup>, atuante nas zonas mais rurais da Chapecó dos anos 1950 (HASS, 2013, p. 50).

Não era algo incomum a expressão política se dar por meio da escritura na Chapecó dos anos 1950. A imprensa chapecoense, em grande medida, era o principal meio de comunicação para a exposição da disputa política ao público. De um lado, os pessedistas com *A Voz de Chapecó*, de outro, os udenistas com *O Imparcial* e o *Jornal d'Oeste*; jornais independentes também faziam parte dessa gama, como o *Jornal do Povo*, porém, em grande parte, suas edições eram “tomadas” pelo pessoal da UDN e coligação.

Se os jornais eram um meio de comunicação político entre os letrados do perímetro urbano, a poesia oral o era aos pré-letrados das regiões mais distantes do centro comercial. Como podemos ver no folheto *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*, Vicente Morelatto adere a forma poética de sua narrativa acerca do acontecimento do linchamento aos moldes de uma “poesia popular”<sup>2</sup>. Seus versos são férteis no que diz respeito aos indícios de que o texto fora composto para ser lido e performatizado diante de um ou mais indivíduos em voz alta.

O que a Revista e a gente conta  
Está meus versos falados  
Eu não condeno ninguém  
Nem quero se condenado  
Para que todos me conheçam  
Deixo meu nome assinado (MORELATTO, 195-, p. 27).

Esses “indícios” relativos à prática de uma poesia popular e à práticas orais despontam de diversas concepções historiográficas que, ao se firmarem no texto escrito, colaboram para compreendermos as influências das culturas orais numa determinada cultura escrita. Como na sextilha<sup>3</sup> acima, esse tipo de estrofe poética faz despontar uma rítmica de canto peculiar das culturas mais populares latino-americanas, como o cordel nordestino ou até mesmo o cancionerismo payador do sudoeste da América do Sul.

Partindo deste ponto, algumas questões norteiam esta pesquisa, tais quais as que dizem respeito à influência que sofre Morelatto para compor esse tipo de poema, ou se no âmbito

1 O termo “subalterno” será utilizado no decorrer da presente pesquisa aos modos com que utilizou o historiador Paul Zumthor (2010, p.20) para descrever a bipolaridade entre culturas hegemônica e subalterna, fugindo da concepção dual de culturas erudita e popular.

2 Utilizamos “poesia popular” assim, entre aspas, pelo fato de que o termo alude a uma problemática dicotômica entre erudito/popular. O termo aqui utilizado será problematizado no decorrer do trabalho, sendo escolhido neste momento do texto apenas por sua forma aproximativa do significado que vigora no senso comum acerca do tema.

3 Estrofe composta por seis versos. Todo o poema de Morelatto segue esta estrutura poética.

regional circulava ou se compunha esse tipo de poesia, também se nos jornais locais faziam-se presentes as composições poéticas de cidadãos.

Pouco se sabe ou se encontra sobre estas problemáticas na região, tanto em fontes como em pesquisas. Para isto, é imprescindível a realização de um panorama da vida intelectual na região de Chapecó por meio dos jornais e do poema de Morelatto, podendo ser traçada esta relação entre os indivíduos que circulavam no debate público por meio dos jornais com as ideias e a proposta de Morelatto em sua narrativa, visto que seu poema, assim como os jornais locais da época, trata do universo político em que a cidade se encontrava. Podemos dizer, então, que a proposta deste trabalho se dá numa chave da História Intelectual: intenta-se abrir um caminho de reflexão acerca da cultura escrita e da poesia oral na Chapecó dos anos 1950 por meio da relação entre História Política, Crítica Literária e História Intelectual para melhor compreender o poeta, o poema, e as práticas intelectuais em questão.

Nisto, também é intransponível esse universo da cultura escrita regional sem compreender a discussão historiográfica que permeia a relação entre poesia oral e História. Para isto, propomos uma breve discussão acerca do arcabouço teórico selecionado para a questão – desde a compreensão política da figura do intelectual na sociedade até a compreensão dos indicadores de oralidade na escritura.

Para tal, este trabalho está dividido da seguinte maneira: um primeiro capítulo mais teórico, buscando explicitar os conceitos mais gerais acerca destas temáticas pelo qual intitularemos de “Cultura escrita, poesia oral e História”; um segundo capítulo voltado à História Intelectual por meio da junção entre uma visão voltada à História Política e das Elites Intelectuais, bem como dos meios de comunicação, afim de compreender a relação de Morelatto com o meio intelectual regional da época, intitulado “A intelectualidade regional: Vicente Morelatto e a política”; encerrando, um terceiro capítulo, no qual traçaremos uma relação entre as compreensões de cultura escrita e de história intelectual regional traçadas até então para compreender o poema do linchamento de Chapecó, intitulado “Cultura escrita, poesia oral e história intelectual: o poema do linchamento e suas compreensões”.

Por fim, é correto se explicitar que o caminho traçado neste trabalho, desde suas fontes até o arcabouço teórico e os debates bibliográficos, foi assim feito até onde a existência de resquícios históricos dessas problemáticas, na atualidade, nos permitiram trilhar. Vicente Morelatto, por mais que signifique muito na memória do povo chapecoense, ainda nos é uma incógnita: as fontes a respeito de sua vida política, de seu poema, ou de sua existência como um todo nos são escassas. A proposta aqui foi, então, não se utilizar das memórias orais sobre essa figura intelectual, mas tentar traçar uma narrativa historiográfica por meio de documentos

oficiais, de jornais, de seu poema, amparados por uma bibliografia que, em grande parte, pouco fala a seu respeito. Nisto, aqui nos basta dizer que os objetivos iniciais desta pesquisa e a metodologia permaneceram intactos, a fim de dar luz a uma nova compreensão a respeito do “poeta da chacina” e da vida intelectual local.

## 2 CAPÍTULO I – CULTURA ESCRITA, POESIA ORAL E HISTÓRIA

Durante um bom tempo a dicotomia entre o texto escrito e o oral foi vista como condição resolvida. Sumariamente, o texto caminhava nos entremeios de uma relação que se via, quando escrito, diante de uma sociedade avançada – que dominava as letras e a política moderna –, e quando não-escrito, das formas do tribalismo das sociedades pré-letradas que estavam ligadas a toda uma cosmovisão mitológica e nas quais os detentores da história/saber eram predestinados a ser “enormes gôndolas” da memória de um povo, circulando por todo um território e disseminando uma narrativa indentitária.

Não obstante, grande parte dos trabalhos desenvolvidos nos entornos da oralidade e da ação social originam dos espaços mais inóspitos à modernidade europeia, dos povos que ainda podem ser vistos como “outro” e, de certo modo, das culturas que outrora eram distantes dessa cultura letrada e que, com a colonização, emergem-se diferentes formas de se lidar com a oralidade e a escrita – seja no chamado novo mundo a partir do final do século XV ou nas regiões africanas entre os séculos XIV e XX. Um desses trabalhos, e de significativa importância, remete-se a Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 167-212), especialista da História da Oralidade Africana que traça uma série de formas de sociabilidades e religiosidades em torno dos *Bafur*, habitantes das regiões do Saara Ocidental<sup>4</sup> em toda sua compreensão de vida, envolvendo, assim, religião, estrutura social, política, e os entornos do chamado tradicionalista-doma.<sup>5</sup>

Em Hampâté Bâ, e em diversos outros trabalhos, como o de Jack Goody (2012, p. 31-47) em torno de povos ganeses nordestinos, vemos como a existência de uma certa tenuidade na relação entre memória e oralidade é um marco não apenas na compreensão das estruturas nas sociedades pré-letradas, mas também na composição da própria linguagem: a língua nada seria sem a memória e o intento de marcar aquilo que não quer ser esquecido, ou seja, aquilo que o ser humano, ao conhecer, não quer deixar se perder no abismo do esquecimento. A relação da linguagem com essa ‘origem’ – coisa de contato primeiro pela qual intenta-se tornar etérea – vem de um debate anterior ao próprio nicho da oralidade e cultura escrita na história.

---

4 “Região situada no litoral atlântico, respectivamente ao sul e a oeste dos atuais territórios do Marrocos e Mauritânia. Objeto de disputa política na atualidade, o território foi, no período focalizado nesta obra, habitado por indivíduos do povo Bafur, além de mouros e tuaregues” (LOPES, Nei. **Dicionário de história da África**: séculos VII a XVI. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Def. 2s. *Saara Ocidental*).

5 Espécie de detentor da história e dos saberes que atuava de forma nômade a fins de captar toda a genealogia de seu povo em atos de memorização.



## 2.1 ORALIDADE, ESCRITURA E ESTÉTICA

No século XX, alguns autores se detiveram em discutir a linguagem através da estética, ótica vislumbrada à época principalmente por Freud, ao qual podemos ressaltar diversos de seus escritos. Como viu Michel de Certeau (2010, p. 281-300) em *Uma neurose demoníaca no século XVII*, Freud destaca-se por vislumbrar não apenas a interdisciplinaridade existente nos entornos da psicanálise e da história – áreas essas englobadas em suas análises –, mas também em notabilizar uma nova forma em que o texto<sup>6</sup>, em suas próprias aspirações e linguagem, traz diferentes facetas para uma compreensão histórica: ao tempo em que busca não evidenciar as formas documentais do fato, mas desdenhar sobre a psicanálise numa análise histórica também do próprio século XX em que escreve o autor, estabelece uma relação estética entre texto e leitor.

O texto visto como um acontecimento passa ser base de uma reflexão tanto do momento em que foi escrito, quanto das lacunas que o deixaram inerte no tempo e do empenho em analisá-lo no tempo presente. Certamente, Freud assim o fez para evidenciar seu êxito acerca da psicanálise, porém, não deixa à mercê sua assertiva acerca da relação estética do texto.

Esta “origem” citada anteriormente, em linguagem, ainda pode ser vista de forma mais aprofundada em vieses filosóficos, como em Jacques Derrida (2004; 2002, p. 11-22) e suas leituras de Platão e Aristóteles. Para o autor, a impossibilidade da compreensão de um ponto substancial<sup>7</sup> acima ou anterior à linguagem<sup>8</sup>, de certa forma, atribui à alma humana a forma transfigurada da substância – do significado –, assim a voz seria a correspondência primeira dos signos, atuando como significante do significado (alma), e a escrita, por sua vez, teria o cunho de significante do significante, pois atém-se em ressignificar a voz. Ou seja, oralidade e escrita estão atreladas, e disso, uma simples diferenciação “oral x escrito” remete a uma resposta demasiadamente prática e minoritariamente linguística, histórica e filosófica.

6 O ‘texto’ aqui compreende o manuscrito do pintor bávaro Christoph Haitzmann, onde, sofrendo de convulsões, faz um pacto com o diabo. O relato escrito em setembro de 1677, faz menções às práticas de exorcismo, trazendo suas experiências acerca das “visões malignas” do pintor, as quais reproduziu em suas obras.

7 Entende-se ‘substância’ e seus derivados como “a parte de alguma coisa de onde se pode começar a mover-se [...] o melhor ponto de partida para cada coisa [...] a parte originária e inerente à coisa a partir da qual ela deriva [...] a causa primeira do movimento [...] o ponto de partida para o conhecimento de uma coisa (ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 5-15)”.

8 Para Jacques Derrida, o problema da origem e sua relação com a linguagem está posto em torno da impossibilidade de alcance de uma esfera divina ou equivalente, onde a significação do mundo pela linguagem remete à relação entre o ser humano e a substância. Sua análise remete ao mito da Torre de Babel, a fins de demonstrar como o ser humano, em sua linguagem, teve o intento de sublimar o alcance da substância, aos modos anteriormente vistos em Aristóteles, através da oralidade e da escrita como sendo oriundas de uma relação primeira, que advém da alma (substância humana).

Todavia, a escrita, por atuar de forma distante do significado, estaria envolta de uma lógica totalmente complexa que caminharia em torno de sua relação com a voz, uma prática estritamente cultural.

O pano tecido por Derrida, ainda que no campo extremo da teoria, nos alude, então, a uma indagação: teriam escrita e oralidade uma relação horizontal, em que toda escritura remete à fala? Seria a escritura, no âmbito cultural e numa relação vertical, dotada de uma única e mesma prática oral?

Na primeira questão, notavelmente, e também como já visto anteriormente em Derrida, o texto escrito deve muito à oralidade uma vez que toda sua construção alude às práticas orais, à fixação de uma voz que deve ser corporificada pelo leitor, mesmo que em leitura silenciosa (ZUMTHOR, 2007, p. 80-81) – espécie de carnalidade textual pela performance da leitura. Nisto, podemos afirmar que a existência de práticas de leitura remetem a uma ação oral. Como bem-visto nos trabalhos de Roger Chartier, e principalmente em seu *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)* (CHARTIER, 2002, p. 13-42), a existência de diversas redes de relações sociais que se desvincilhavam nas práticas literárias implicaram nos modos de leitura escritural tanto do século XVI quanto do século XVII. O escrito poético que se dava em algumas tradições da época nas formas mais primárias, em que o autor recitava seu poema a um indivíduo ou grupo<sup>9</sup>, ligava-se a uma práxis historicamente longínqua onde os textos eram “Compostos para serem falados ou para serem lidos em voz alta e compartilhados com um público ouvinte, investidos de funções rituais, pensados como máquinas criadas para produzir efeitos” (CHARTIER, 2002, p. 13).

Este tipo de relação não é visto apenas nas práticas e costumes de um passado/espço longínquo, pois, e respondendo a segunda indagação anteriormente levantada, numa relação vertical, dados os agentes sociais frente às letras, seus domínios de escrita serão distintos. Uma vez que uma determinada sociedade entra em contato com a prática letrada serão emergentes diferentes formas de se lidar com a oralidade e, concomitantemente, com a escrita. Os estratos gerados pelo contato com as letras em sua relação com o oral, além de terem uma relação fortemente ligada ao contato que determinados grupos ou indivíduos desempenham publicamente, estão atrelados a diversas esferas, como a cultural, a social e a política. Assim, para um determinado estrato social, elementos característicos de uma cultura oral serão vistos

---

9 A leitura a um indivíduo, ainda que menor praticada em relação a leitura para um grupo ou comunidade, era bem-vista, principalmente, nas tradições onde o bardo costumeiramente recitava seus poemas ao rei como forma de receber suas congratulações tradicionais. Essa forma de prática pode ainda ser evidenciada no conto “O espelho e a máscara”, em “BORGES, Jorge L.. **O livro de areia**. Trad. Davi Arrigucci Jr.. São Paulo: Companhia das Letras, 2009”.

no texto escrito em maior e diferente grau do que em um outro estrato que tenha um diferente contato social com a escrita.

## 2.2 A ESFERA CULTURAL DA ORALIDADE E DA ESCRITURA

Para Paul Zumthor, a oralidade presente na escrita pode ser analisada através de elementos que demonstrem que o texto fora recitado, por indícios que aludam àquela escritura como algo que tenha sido compartilhado com um indivíduo ou grupo em uma leitura performática em voz alta ou que indiquem que a forma narrativa daquela escritura tenha sofrido influência dessa cultura oral. Desse modo, denomina esses índices de oralidade como sendo

tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* – quer dizer, na mutação pela qual o texto passou, uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de um certo número de indivíduos (ZUMTHOR, 1993, p. 35).

Assim, a partir do texto escrito, podem ser evidenciados esses indícios de práticas orais, que corroboram para uma análise da formação de uma cultura escrita em um dado espaço-tempo, bem como de seus estratos de domínio ou formas de se lidar com a letra, a voz e o corpo<sup>10</sup>.

De certo modo, o trabalho de Jack Goody (2012), partindo da não aceitação de perspectivas reducionistas e sistemáticas, tenta exprimir fora de categorias analíticas bem rígidas já consolidadas em Lévi-Strauss, alguns frutos de suas inquietações acerca da linguagem e das comunicações humanas. Atuando por meio da contraposição a autores que estabelecem diferenças formalizadas entre sociedades letradas e não letradas – tais como os que postularam-nas cerceados por posturas desenvolvimentistas como Henry Sumner Maine (1822-1888), James Frazer (1854-1941) ou até mesmo Max Weber (1864-1920) –, para Goody, não bastava o reconhecimento das diferenças e semelhanças entre “nós/eles” (GOODY, 2012, p. 17), ou melhor, de partir “de uma dicotomia grosseira para uma unidade a-histórica” (*Ibid.*, p. 16), mas, sim, de perceber como os meios de comunicação foram influenciados com a chegada da escrita, dando ênfase a ação individual.

Para Goody, numa análise das culturas escritas deve-se fugir do que intitula de “binarismo etnocêntrico”, daquilo que gira em torno das classificações “primitivo/avançado”,

---

<sup>10</sup> Corpo aqui corresponde a performance que requer a leitura poética, seja esta silenciosa ou em voz alta.

“não-desenvolvido/desenvolvido”, dentre outras de mesmo cariz. Essas formas dicotômicas atuam de forma a reduzir o processo histórico que se dá numa sociedade que, outrora pré-letrada, vê-se frente ao mundo das letras. Mesmo que a diferença entre uma cultura letrada e não letrada pouco explique acerca de uma dada sociedade, ela lança um novo horizonte: a sugestão de que um estudo dos meios de comunicação – das tecnologias do intelecto – podem “lançar uma nova luz sobre os desenvolvimentos na esfera do pensamento humano” (GOODY, 2012, p. 22). Assim, os meios para tal análise não se dão apenas pela crítica ao arcabouço teórico-analítico já existente – sendo esta a menor de suas proposições –, mas, sim, em apresentar uma via alternativa para interpretação desses fenômenos em suas particularidades.

Partindo deste ponto, ao propor esta multiplicidade como premissa para análise das mudanças na comunicação, o autor exclui as dicotomias presentes nas teorias/análises por ele apontadas não apenas na forma do pensamento ou da mentalidade humana, mas também em toda uma organização social. Uma “cultura escrita”, então, alude a uma forma que abrange tanto o mundo das letras como o da fala: o espectro das interações sociais e das práticas culturais.

Assim, a forma que Goody nos indica é a de que “a palavra escrita não substitui a fala, assim também como a fala não substitui o gesto. Mas ela acrescenta uma dimensão importante à grande parte da ação social” (GOODY, 2012, p. 27), ou seja, o impacto da palavra escrita não emudece a fala, todavia, não nega o impacto da emergência de uma cultura escrita numa dada sociedade e de seus agentes intelectuais. Ao propor que a fala não se torna negligente, mas que sofre mudanças provocadas pelo mundo das letras, Jack Goody nos traz uma indagação, e que constitui-se como título do segundo capítulo de sua já referida obra: “Intelectuais em sociedades pré-letradas?” (GOODY, 2012, p. 31-47).

Neste ensaio o autor nos aponta outras formas de compreensão do que seria intitulado por autores desenvolvimentistas como “intelectuais”. Em grande parte, até então os intelectuais vinham sendo categoricamente alinhados a uma espécie de definição agregada às culturas modernas avançadas, sendo assim, o advento “intelectual” era de uso restrito de uma sociedade letrada. Porém, suas análises fogem de uma certa ordem imposta por esses observadores categóricos, pois, mesmo “em sociedades não letradas não há qualquer evidência de que os indivíduos eram prisioneiros de esquemas pré-ordenados” (GOODY, 2012, p. 45). Pelo diálogo com alguns conceitos de Edward Shils (1910-1995)<sup>11</sup>, Jack Goody

---

11 Para Shils, “Em todas as sociedades [...] há pessoas dotadas de uma sensibilidade incomum em relação ao sagrado, pessoas de uma rara capacidade de reflexão sobre a natureza do seu universo e sobre as regras que governam sua sociedade. Há em todas as sociedades uma minoria de pessoas que, mais do que a média de

consolida um intelectual que extrapola a definição de “indivíduos estritamente interpretáveis por categorias de entendimento”, principalmente por essa concepção restringir o espaço do intelectual e de suas práticas criativas. Para isso, parte da assertiva de que não basta negar a “dicotomia radical que dominou tantas abordagens” (GOODY, 2012, p. 38) entre letrados e não-letrados, pois as diferenças não devem ser vistas no pensamento ou na mente, mas sim nas divergências presentes na natureza dos atos de comunicação. Aí, então, se dá o ponto de imbricação social e cultural entre o oral e o escrito, pois essas abordagens que restringem o papel do intelectual acabam por negar toda uma produção literária oral, uma vez que “tratam a literatura oral como essencialmente diferente da literatura escrita” (GOODY, 2012, p. 38).

Sua proposição é, então, partir de uma análise cultural da comunicação, mudando, assim, grande parte da compreensão de uma dada sociedade, pois, as diferenças que emergem nos diversos atos comunicativos revelam diferentes práticas culturais presentes naquele mesmo lugar: revelam diferentes espaços de domínio da escrita. Assim, um poema, como neste caso o de Vicente Morelatto, pode ser visto como um indício histórico da presença de diversas formas de atuação intelectual numa determinada região.

Analisar o poema de Morelatto pode ser caracterizado, então, como um ato que nos leva a explicitar as tramas sociais e políticas que exprimem diferentes práticas culturais na região. Uma análise dos meios de comunicação e de suas faces, pela região, pode nos ser muito válida para evidenciar a diferença particular do trato com a escrita e a oralidade em determinados espaços intelectuais da cidade de Chapecó nos entremeios dos anos 1950.

### 2.3 O CASO DE MORELATTO

O poema *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento de quatro presos*, de Vicente Morelatto, revela suas peculiaridades ao propor, em seus versos, uma possível relação diante do ocorrido em outubro de 1950<sup>1</sup> com as relações de poder locais. Tanto o cunho intelectual que toma seu autor, ou seja, o papel sensível que exerce o poeta acerca dos

---

seus concidadãos, questiona e deseja manter uma comunhão freqüente com símbolos que sejam mais abrangentes do que as situações concretas do dia-a-dia e remotas na sua referência, no tempo e no espaço. Nessa minoria há uma necessidade de exteriorizar a busca no discurso oral e escrito, na expressão poética ou plástica, nas reminiscências históricas ou registros escritos, nos rituais e atos de culto. Essa necessidade interior de penetrar além do quadro da experiência concreta e imediata marca a existência dos intelectuais em todas as sociedades” (SHILS, Edward. *The intellectuals and the powers: some perspectives for comparative analysis. Comparative studies in society and history. Vol. 1 (1958-59), p. 5-22, apud SAID, Edward W.. Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005).*

1 O incêndio da igreja matriz de Chapecó e o linchamento de quatro presos – acusados ao delito – da cadeia regional em 18 de outubro de 1950.

acontecimentos que lhe envolvem – e que aí desponta a questão de seu meio e sua interação com a sociedade –, como também do papel linguístico, que revela sua poesia como evento, fazem despontar questões relativas aos meios de comunicação e a cultura escrita da região.

Também, podemos relacionar o folheto de Morelatto às ponderações de Paul Zumthor (2010), principalmente pelo fato do oral se fazer presente no discurso da escritura, e não apenas pela presença da vocalidade linguística: se faz presente pela carnalidade poética da recitação, pois “a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença” (ZUMTHOR, 2010, p. 9). Revela assim o calor de uma cultura de poesia oral que segue no seio de uma sociedade letrada, e melhor, na escritura.

Carnalidade, performance, ambas revelam a voz no poema de Vicente Morelatto. Além da performance poética zumthoriana – que pode servir de base analítica a qualquer poema –, vemos no “poeta da chacina” determinadas formas que levam o leitor a “performatizar, também, a sua leitura numa ação, mesmo que imaginativa na leitura silenciosa, capaz de criar a presença de um corpo, de sorte que o texto torne-se obra” (OLIVEIRA, 2012, p. 354), aludindo a uma prática de leitura em voz alta.

Historiar nos entornos do cordel de Morelatto constitui, nesta chave, então, localizar os problemas relativos à cultura escrita na região de Chapecó entre os anos de 1948 e 1957, por meio da relação entre os jornais locais, livros e folhetos da época buscando indícios de uma cultura oral presente nesse universo não tão vasto mas rico em fontes, pelo levantamento de documentos oficiais em torno da figura de Vicente Morelatto como meio de traçar sua figura intelectual e, de certo modo, atuar através de uma revisão bibliográfica referente aos temas levantados a fins de reiterar e sustentar as culturas poéticas orais no seio de uma cultura escrita e suas implicações para um novo horizonte da história intelectual regional.

Em que sentido quis Vicente Morelatto confluir seus versos? Em que consonância se que se dá a relação entre as culturas poéticas orais latino-americanas e seu folheto? Essa relação englobava as práticas de escrita, impressão e circulação regionais? Conforme podem ser observadas nalgumas afirmações de Mônica Hass (2013), o que reforça a atuação de indivíduos no âmbito regional é a parte atenuada referente aos conflitos políticos, que se deram principalmente por embates entre a hegemonia da companhia colonizadora do oeste catarinense e os estratos sociais não tão bem alinhados aos seus ideais políticos. Esses espaços de atuação, bem como clubes, jornais, sedes regionais de partidos políticos, dentre outros, foram palco de diversas formas de articulações para a manutenção da hegemonia local.

Diversos acontecimentos podem ser vistos como reflexo dessa “rixa hegemônica”, como é o caso do linchamento de quatro presos da cadeia de Chapecó em 18 de outubro de

1950, objeto central do poema de Vicente Morelatto. Segundo Hass, no desenrolar do fato da prisão desses quatro indivíduos, iniciado na noite de 4 de outubro do mesmo ano, que viria a culminar no linchamento, “evidenciam-se aspectos de conflito entre partidos políticos, fruto de resquícios da campanha eleitoral” (HASS, 2000, p. 240), eleição caracterizada pela quebra do poderio contínuo dos estratos sociais ligados à empresa colonizadora da região com a vitória da coligação dos partidos de oposição.

Segundo Jovani Santos, Vicente Morelatto era bem-visto por sua “paixão política pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro)” (SANTOS, 1999, p. 49), partido que, em coligação, vence as eleições de 3 de outubro de 1950 em Chapecó, poucos dias antes o linchamento. Nisso, se levantam diversas questões sobre a figura desse intelectual e as relações que traçou até sua misteriosa morte, ocorrida em março de 1954 (SANTOS, 1999, p. 51), da qual trataremos no próximo capítulo.

Morelatto se revela, assim, uma figura cheia de facetas, rica em reflexões, principalmente no que se refere a figura e aos procedimentos que esse intelectual regional constrói para narrar um acontecimento. Veem-se diversos traços imbricados, tanto em seu poema como na figura de que desponta tal expressão. Essas, merecem uma problematização mais detalhada, a qual nos ateremos a seguir.

### 3 A INTELLECTUALIDADE REGIONAL: VICENTE MORELATTO E A POLÍTICA

Traçar uma narrativa nos entornos da figura intelectual do poeta Vicente Morelato, na região de Chapecó entremeios dos anos 1950, não deve ser considerada uma tarefa fácil, nem mesmo breve ao ofício do historiador. Uma vez que as implicações de sua existência, compreendidas aqui como sua obra escrita, são, de certo modo, escassas tanto em arquivo como em memória oral. Porém, fora das perspectivas da História Oral, devemos aqui nos ater às prerrogativas da História intelectual, que permeiam, de certo modo, a crítica literária, a História das elites culturais e a História política.

As possibilidades de se narrar uma história com ênfase nas práticas intelectuais são diversas e, por mais que nos sejam próximas diante de diversos trabalhos, como os de François Sirinelli ou Marc Angenot, também nos são distantes quanto a um método específico pelo qual se queira perpassar às análises. Como nos afirma o chileno Carlos Altamirano, a História Intelectual “é praticada de muitas maneiras e não possui em seu âmbito uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, nem para interpretar seus objetos” (ALTAMIRANO, 2007, p. 9). Todavia, podemos nos ater a alguns pontos cruciais para compreender o caminho que perpassa essa paisagem “mais abundante que estruturada” (ALTAMIRANO, 2007, p. 10).

Ao discorrer sobre as diversas formas e possibilidades para um programa de história intelectual, Altamirano (2007) nos alude a possibilidade de se desvincilhar as práticas intelectuais num fazer histórico que implica, primariamente, nas condições e características humanas de compreensão e organização do mundo. Por meio das afirmações de Paul Ricoeur acerca do sensível, busca explicitar a premissa mais entranhada de suas concepções relacionadas a uma reflexão da forma intelectual na história. Segundo o historiador chileno, este programa é exequível ao ponto de que permeia, em todo meio social, uma estrutura simbólica que de certo modo organiza toda uma prática comum na esfera pública, determinando aquilo que pode vir a ser atual, e um produto diluído do pensamento, ou melhor, da virtualidade. Aqui, então, a premissa é direta, ao ponto que nos afirma Ricoeur:

Se a vida social não possui uma estrutura simbólica, não é possível compreender como vivemos, como fazemos coisas e projetamos essas atividades em idéias, não há como compreender de que modo a realidade possa chegar a ser uma idéia, nem como a vida real possa produzir ilusões (RICOEUR *apud* ALTAMIRANO, 2007, p. 10).



Assim, podemos traçar diferentes formas de conexões entre os diversos poemas e autores, bem como entre os meios de comunicação existentes na região de Chapecó da década de 1950. Partindo daí, podemos afirmar que a prática poética regional estava interligada à prática intelectual, pois mesmo que determinado indivíduo participasse da vida pública em determinado espaço da sociedade como, por exemplo, um meio ligado à elite chapecoense, um outro indivíduo considerado socialmente subalterno ou negligenciado também compartilhava uma esfera pública que perpassava ambos espaços.

De certa forma, Vicente Morelatto compartilhou dos acontecimentos ocorridos na década de 1950 na região como os jornais locais em suas matérias editoriais e os próprios cidadãos em artigos de opinião vinculados nesta imprensa. O “poeta da chacina”, como intitulado por Jovani Santos (1999), compartilhou dos mesmos saberes jurídicos que circulavam no *Jornal do Povo* (1951c, p. 4) acerca do incêndio da igreja chapecoense, dos envolvidos no linchamento e dos acusados por meio seu poema.

### 3.1 VIDA PÚBLICA, POLÍTICA E IMPRENSA

Morelatto, natural de Estrela, município riograndense, toma então esses acontecimentos e saberes diante desse universo regional que se ateve em apurar os fatos alarmantes ocorridos no período. Como ele mesmo cita em seu poema, a procedência de parte desses dados a serem desdenhados no decorrer de seu texto vieram de um periódico: “Assim foi publicado/ Na Revista O Cruzeiro”. Assim, podemos considerar que o poeta da chacina compartilhava de uma prática de leitura, assim como outros intelectuais da Chapecó de 1950.

Dentre os intelectuais da região, Vicente Morelatto (195-, p. 13) cita em seus versos Roberto Machado que, além de advogado, era um assíduo escritor local que publicava suas palavras em jornais regionais como o *Jornal do Povo*. De cunho independente, segundo Monica Hass, este jornal não participava das discussões políticas locais (HASS, 2000, p. 252), porém, era onde Machado, intelectual ligado aos ideais da UDN (União Democrática Nacional) – partido político que no período viu-se em coligação com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PRP (Partido Republicano Progressista) e o PSP (Partido Social Progressista) afim de derrotar o partido ligado à elite colonizadora da região<sup>12</sup>, o PSD (Partido Social Democrático) – publicava seus artigos. Neste único trecho em que é citado em todo o poema, aparece como que para frisar sua importante existência na sociedade chapecoense.

---

12 Colonizadora Bertaso, Maia & Cia.

Uma das hipóteses de seu aparecimento se dá pela proximidade das ideias compartilhadas por esta união partidária, sendo que, segundo Jovani Santos (1999, p. 49), Morelatto era um petebista apaixonado.

Roberto Machado era um nítido crítico às políticas públicas adotadas pela elite ligada à colonizadora, e dizemos isto não apenas por sua simpatia à UDN, mas também pelo cunho de suas publicações na imprensa local. Num artigo, ironicamente rebate um integrante do PSD (JORNAL DO POVO, 1951d, p. 2), noutro, critica abertamente as políticas acerca da assistência municipal para com as crianças moradoras de rua (JORNAL DO POVO, 1951e, p.2). Ainda que Hass (2000, p. 252) afirme que o jornal era independente, a circulação de textos oposicionistas às gestões municipais pessedistas era nítida em suas edições.

Podemos afirmar que as dissensões políticas tensionavam a crítica social na Chapecó de 1950. Segundo Monica Hass (2013, p. 47), uma grande maioria dos simpatizantes da UDN e do PTB eram contrários aos Bertaso, família ligada ao poder hegemônico pela colonização da região por meio do PSD. A crítica podia ser vista tanto nos jornais, através de figuras como Roberto Machado, como nos meios rurais, nos versos de Morelatto (*Ibid.*, p. 50).

Para além do *Jornal do Povo*, Machado também publicava seus artigos n' *O Imparcial*, jornal que tem seu surgimento em 25 de fevereiro de 1951, após a vitória da coligação PTB/UDN/PRP/PSP na disputa pelo poder executivo municipal. O veículo tinha como diretor responsável o deputado estadual petebista Paulo Marques e como tipógrafo e diretor proprietário o udenista Alexandre Tiezerini. Foi neste jornal que o jovem advogado Roberto Machado começou a causar ainda mais polêmica em Chapecó com seu artigo “Amigos da Onça”, atacando o vereador da elite local Serafim Enoss Bertaso com diversas críticas acerca de sua atuação no poder legislativo municipal. Foi também neste jornal que o advogado se dirigiu ao juiz José Mendes de Almeida como parcial a respeito das decisões judiciais locais, como quem favorecesse a elite pessedista (HASS, 2000, p. 253).

Se de um lado temos o advogado Roberto Machado como precursor das publicações ligadas à UDN e oposicionistas às políticas pessedistas na região, ligadas ao mandonismo local pelos Bertaso, no *O Imparcial*, de outro temos a elite política regional tensionando esses conflitos por meio de outro jornal. A crítica de Machado ao vereador Serafim Enoss Bertaso anteriormente citada surtiu efeito de comoção entre os pessedistas, que redigiram um abaixo-assinado em solidariedade ao político: foi publicado no *A Voz de Chapecó* (HASS, 2000, p. 253).

Pode-se dizer que a elite chapecoense tinha seu equivalente ao que era *O Imparcial* aos udenistas. Assim como o jornal onde Machado publicava seus textos críticos à hegemonia

colonizadora na região era vinculado aos ideais da UDN, o jornal *A Voz de Chapecó* servia-lhes como meio de sublimar seu poder regional e sua grandiosidade, dignos de uma elite cultural. Por vezes o jornal pessedista se apresentava com manchetes vistosas, coisa que demandavam grandes investimentos tipográficos à época – capas com grandes e nítidas fotografias. Normalmente, em tempos de eleição, costumavam ressaltar já na capa os candidatos a vereador e ao poder executivo municipal. Numa edição de 1947, aparece o nome de Serafim Enoss Bertaso como candidato a vereador pelo PSD. Nesta mesma, a manchete: “VICENTE CUNHA: O Candidato do P.S.D.” (A VOZ DE CHAPECÓ, 1947, p. 1).

Junto a esse universo político dos jornais, podemos ver o surgimento de uma valorização da poesia. No final dos anos 1940 e início dos 1950 a imprensa chapecoense se empenhou em marcar uma certa identidade cultural aos seus ideais. E o nosso intento aqui é demonstrar as possíveis afluências, confluências e divergências do cenário político com o cenário poético. Alguns desses mesmos jornais servem como pivô dessa reflexão. Alguns desses questionamentos serão melhores tratados no próximo capítulo, porém, outras indagações que permeiam as problemáticas desta proposta de História Intelectual podem nos ser caras nesta etapa deste trabalho.

A primeira indagação diz respeito ao porquê de um certo “boom” poético neste momento de estreitamento das relações político-partidárias na região. Seria este acirramento político a força motriz para o surgimento ou aparição dessas práticas de escrita regionais? Ora, podemos afirmar que o surgimento de uma espécie de afirmação cultural nos entremeios da década de 1950 estaria intrinsecamente ligado, de certo modo, a essa polarização política na região. A afloração do intento de detenção dos discursos acerca dos fatos políticos acontecidos na cidade demonstra-se tanto nos jornais como no folheto de Vicente Morelatto. Esta pesquisa, ao procurar explicar a importância do folheto do “poeta da Chacina”, contribui para novos questionamentos acerca do meio intelectual deste recorte histórico através de um espectro cultural da escrita, porém, não destoa totalmente das afirmações realizadas em trabalhos anteriores nas chaves da História Política: o poema de Morelatto é um objeto político<sup>13</sup>. Aqui, então, nos cabe trazer o quão de seu tempo e espaço foi o *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*.

---

13 Entendendo aqui política em lato sensu, não reduzindo-a à esfera partidária.

### 3.2 MORELATTO E A POLÍTICA CHAPECOENSE

De certo modo, podemos afirmar, e como já postulado anteriormente, que Morelatto e seu poema não destoam, em grande medida, das práticas brevemente explanadas neste capítulo. Assim como Roberto Machado nos jornais, o poeta chapecoense cria sua narrativa acerca de um fato de grande relevância para o momento regional em seu folheto. Politicamente, o acontecimento do linchamento foi palco de inúmeras tensões discursivas acerca da memória deste fato. De um lado tínhamos a elite chapecoense pessedista marcada pelo coronelismo que supostamente deu o pontapé inicial para uma corrida de punição aos quatro presos responsabilizados pelo incêndio da igreja matriz local, de outro uma intelectualidade ligada, grosso modo, aos ideais dos partidos da oposição, contrária a todo o processo policial que culpabilizava esses presos.

O debate acerca do linchamento de 1950 em Chapecó é amplo e minucioso, grande parte do que se sabe e se postula advém dos trabalhos de Monica Hass aqui já citados. Segundo a autora, Orlando Lima, um dos acusados pelo crime do incêndio da igreja matriz local, era ligado ao diretório municipal do PTB em Iraí-RS e fez campanha para a coligação vencedora das eleições de 1950 que fazia oposição aos pessedistas em Chapecó. Devemos reafirmar uma implicitude nos trabalhos de Hass, que se dá, principalmente, na necessidade de estabelecimento de um contexto local ao linchamento. Todos os elementos que despontam nas reflexões de seu *O linchamento que muitos querem esquecer* (HASS, 2013) nos seriam caros a este debate acerca da política regional, porém, podemos melhor desdenhar aqui os que já levantamos até então: o mandonismo, as eleições de 1950 e os incêndios na região.

Podemos afirmar que o mandonismo não é uma característica peculiar a situação do Oeste Catarinense da época, mas sim uma idiossincrasia brasileira, porém, para o historiador e cientista político José Murilo de Carvalho (1997), o termo necessita ser problematizado. O que denominamos como “mandonismo”, comumente vem arraigado a diversos outros aspectos que permeiam grande parte da história brasileira até a atualidade. As outras faces desse significado comum do termo evocam outros tipos de relações de poder, como o coronelismo e o clientelismo. Se nos centrarmos neste último, as relações clientelistas eram bem-vistas em diversas regiões, no interior do país afora, onde, grosso modo, uma ou pouquíssimas famílias que dominavam a cidade no tocante à barganha de votos em troca de privilégios aos pobres (empregos, prolongamentos de prazos de dívidas, proteção, bens, etc.), de contrapartida, esses votos angariados serviam para eleger representantes no poder

executivo ou legislativo, municipal, estadual ou nacional, que retribuiria esses favores constantemente.

Outra via para se entender o quão enraizadas eram essas práticas pode ser vista em outro termo que o “genérico mandonismo” aplicado a região de Chapecó da década de 1950 evoca: o coronelismo. Para Carvalho (1997), satisfazer as vontades do coronel não se dava, basicamente, numa troca de angariamento de votos, visto que essa definição entra em conflito com a concepção histórico-social de clientelismo brevemente levantada anteriormente, mas sim pelo poder que representava essa figura na região. Uma vez que o coronel detinha poderes militares, atender aos seus interesses não era mera opção, pesava o julgo de toda “paz social”, e é justamente por isto o coronelismo pode ser visto como um “momento de fraqueza” do mandonismo. Nos momentos em que a figura do mando vê a perda de seu poderio hegemônico, recorre ao governo para legitimar esse poder.

Na região de Chapecó da década de 1950, o poder dos “mandões” pode ser observado tanto na esfera do poder executivo, ou seja, por meio dos mandatos e candidaturas de prefeitos ligadas ao PSD, como na vida cotidiana. Pode-se dizer que a perseguição aos opositores – filiados ou simpatizantes públicos da UDN, PTP e PRP –, representação do poder dessa elite, é uma das faces constatáveis mesmo anteriormente ao fato do linchamento e da perda do poder executivo municipal em 1950. O próprio Roberto Machado foi vítima de um assalto na madrugada de 1 de setembro de 1950 e entre os criminosos estava inspetor de quarteirão Crispim dos Santos (HASS, 2013, p. 69). Ligado à UDN, o então advogado Dr. Machado não se submetia aos mandos do delegado Arthur Argeu Lajus, “um grileiro de terras, ex-balseiro, dedicado ao comércio e dono de muitas terras” (HASS, 2013, p. 68) que pertencia aos quadros pessedistas. Nessa rixa política entre “mandonistas” e opositores, a imprensa era o palco de inúmeros empenhos, de ambas as partes, a fim de conquistar o apoio popular.

Considerando as redes de clientelismo como peça angular na história das relações sociais brasileiras podemos chegar a uma hipótese que envolve Vicente Morelatto. O poeta da chacina tinha cerca de 25 anos quando termina seu livreto, morre um ano após, no dia 9 de março de 1954, e seu falecimento emana grande mistério acerca de suas causas. Jovani Santos (1999, p. 51) remete a morte de Morelatto a um ato suicida que, embora não hajam processos ou inquéritos que o comprovem, deixa ao léu sua relação com cunho de oposição à elite coronelista que tomou seu poema.

Escrever sobre a vida de um jovem professor do interior catarinense da década de 1950 não é uma tarefa tão fácil principalmente pela escassez de fontes que colaborem para uma análise mais aprofundada, visto que os indivíduos que circulavam na imprensa ou em

qualquer outro meio público documentado – atas da câmara municipal, dentre outros escritos administrativos – eram, em grande parcela, pessoas ligadas às elites ou práticas que as envolvessem, como Roberto Machado no exercício da advocacia.

Uma das fontes que podem contribuir para hipoteticamente evidenciar uma relação de Vicente Morelatto com a oposição multipartidária a qual Machado também pertencia remete a uma nota de divulgação de seu óbito no jornal *O Imparcial*. Único veículo midiático que divulga o nome do poeta, o jornal udenista esclarece o motivo da morte de Morelatto atribuindo-a a um “mal súbito” (O IMPARCIAL, 1954, p. 2). Também, é interessante de se notar que o jornal em questão é, igualmente, o único, na região, a tratar do linchamento de 1950 utilizando o termo “chacina” também usado por Morelatto em seu poema (MORELATTO, 195-, p. 18)<sup>14</sup>, denotando um caráter crítico ao acontecimento adotado por esse grupo de intelectuais locais.

Por meio dessas indagações podemos estabelecer a hipótese de que o poeta da chacina tinha certa relação com o meio político-partidário chapecoense, uma vez que a vida na imprensa estava essencialmente ligada ao exercício partidário. Diante da nota de óbito de Morelatto e da assertiva acerca das redes de clientelismo presentes na vida social brasileira podemos relacionar o poeta à oposição multipartidária chapecoense, bem como pelas informações que constam em seu poema, como no trecho em que fala da figura de Roberto Machado citado anteriormente.

Atuante como professor na Linha Tigre, Morelatto residia na Linha Bento Gonçalves e, inclusive, foi um dos fundadores da escola local<sup>15</sup>. Casou-se com Beatriz Maggioni Morelatto em Chapecó, no dia 7 de outubro de 1950. Ambos eram naturais do estado do Rio Grande do Sul. O poeta, por sua vez, fez curso de pilotagem de avião à distância (SANTOS, 1999, p. 49), porém, seu diploma de maior significância destinava-se ao exercício contábil, pelo qual foi certificado em 23 de fevereiro de 1953. Interessante é também notar em como a figura existencial do poeta encontrava-se atuante em suas aspirações de vida em datas próximas a sua morte, outra fonte que colabora para esta afirmação, além do recebimento do diploma de contabilidade um ano antes de vir a óbito, neste mesmo ano, após diplomação, no dia 8 de dezembro de 1953, Morelatto efetua sua inscrição em um concurso público do IBGE para atuar no cargo de agente estatístico, com a realização da prova em Joaçaba. Ainda, atuava na educação pública municipal como professor e diretor escolar.

---

14 “Fizeram horrenda chacina”.

15 Escola Mista Municipal Desdobrada de Linha Bento Gonçalves.

Não adentrando às especulações acerca de sua morte e tão pouco nos testemunhos e memórias levantados tanto por Jovani Santos (1999) como pelo horizonte de um trabalho de campo nas chaves da História Oral, as hipóteses que colaboram para compreender os motivos da morte de Vicente Morelatto pelas fontes documentais encontradas são escassas, porém não deixam à deriva sua relação com o meio político-partidário regional, colaborando, assim, com os trabalhos sobre o tema anteriormente citados nesta proposta. Reafirmando, mesmo sendo seu poema objeto que abre um leque de possibilidades para compreender a dinâmica política local, como veremos no capítulo seguinte, não anula seus aspectos culturais, os quais são perspectivas centrais desta pesquisa, todavia, retornemos a mais um acontecimento que nos ajuda a melhor compreender essa esfera política com que o livreto *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos* se insere. O caso de Orlando Lima, brevemente citado anteriormente, pode ser um dos mais emblemáticos para representar a dinâmica das relações de poder na região, que também ressoa nos versos de Morelatto:

Havia já algum tempo  
Vivendo nesta Cidade  
Um tal de Orlando Lima  
Rapaz de bôa amizade  
Pensavam ser o causante  
Daquela Barbaridade (MORELATTO, 195-, p. 4).

É explícita na época uma espécie de repulsa dos colonizadores no tocante aos “forasteiros”. O discurso que vigorava na região englobava, grosso modo, uma série de esteriótipos do criminoso. Os bandidos, intrusos e forasteiros eram vistos de forma associativa as práticas contrárias a toda uma moral neocristã, a qual foi peça angular para o acontecimento do linchamento e para a prisão dos quatro forasteiros, entre os quais estava incluso Orlando Lima.

Ainda, não aprofundando este trabalho às questões das concepções do neocristianismo característico da localidade, podemos dizer que, sumariamente, corroboravam no desenvolvimento e na manutenção das crenças no trabalho colonizatório e na preservação de inúmeros preceitos morais pelos quais se baseavam toda a vida política e policial da região (HASS, 2013, p. 42-44). Quanto aos forasteiros, tanto na esfera jurídica como no imaginário local, podemos citar o trabalho *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX* (2008), de Délcio Marquetti, como fonte de exposição de diversas problemáticas latentes na região no tocante a esses indivíduos que se

encontravam “nas terras dos outros” (*Ibid.*, p. 37), como levanta o historiador através de suas pesquisas de campo na chave da História Oral.

Orlando Lima pode assim ser dubiamente visto como uma afronta à ordem local, uma vez que poderia se caracterizar por desses forasteiros e também como pessoal da oposição à elite pessedista chapecoense. Submetido à tortura pelos mandaites do delegado Lajus, o petebista, juntamente como os outros presos, confessam o crime do incêndio da igreja local, porém podemos ver que são muitos os elementos que se enquadram numa hipotética ação estritamente política, visto que o crime acontece pouco tempo após a derrota no poder executivo dos pessedistas nas eleições municipais de 1950.

Assim, como evidenciada a relação direta dos versos de Morelatto com a oposição vitoriosa nas eleições e com a crítica desses intelectuais locais acerca dos fatos vindouros do linchamento, podemos elaborar uma cena intelectual da região na qual se insere o poeta da chacina. Aqui também podemos evidenciar que, mesmo sendo direta ou indireta a relação pessoal desses indivíduos, existia um norte bem explícito na Chapecó dos anos 1950: ou se narravam os fatos aos modos da elite coronelista, ou aos modos de sua oposição.

Diante dessas problemáticas levantadas, vemos o meio pelo qual o “poeta chapecoense” estava amparado, tanto para formular suas críticas como para, junto aos seus, resistir aos empenhos coronelistas de policiamento da circulação dessas ideias pelo emprego da violência. Vemos também que essas ideias circulavam no meio público pela imprensa local, e os embates eram explícitos, com remetentes e destinatários. Esse tipo de disputa revela como o empenho de Morelatto em redigir seu poema não se distancia das práticas regionais já existentes, porém, alguns elementos voltados a um olhar mais cultural acerca de seu poema pode nos ser caro nestas indagações aqui levantadas.

Segundo Monica Hass, o poema de Morelatto, “Cantados na zona rural, eram uma forma de resistência ao clima de terror imposto, na cidade e no interior após o linchamento, pelos que se consideravam detentores do poder local” (HASS, 2013, p. 50), sendo cara a esta pesquisa o empenho em evidenciar por quais formas literárias o poeta construiu sua narrativa, de que jeito se fazia a circulação da poesia na região, em quais pontos se deram as relações sociais e culturais para a elaboração de seu folheto, afim de trazer outras perspectivas historiográficas para uma melhor compreensão do fenômeno em seu espaço-tempo. Sendo assim, propomos trabalhar no capítulo seguinte essas problemáticas.



#### 4 CULTURA ESCRITA, POESIA ORAL E HISTÓRIA INTELECTUAL: O POEMA DO LINCHAMENTO E SUAS COMPREENSÕES

Nos jornais da região de Chapecó dos anos 1950, as formas poéticas que circulavam já não mais eram as do antigo *O Xapecó*, que por mais que publicara uma poesia local em 1918 – com sua redação remetida ao dia 14 de junho do ano na localidade do Passo Bormann, em autoria de Octavio Leal – não consolida uma prática poética regional periódica no jornal (*O CHAPECÓ*, 1918, p. 2), onde outrora circulavam textos poéticos ligados às tradições mais simbolistas de poetas de diversos lugares do país, começava-se a dar voz à intelectualidade local. Um outro jornal que levava o nome da região, em suas primeiras edições, a partir de 1892, teve-se em circular uma poesia, em sua seção “Variedades”, que remetia às nuances poéticas mais voltadas ao simbolismo, e que eram expostas junto a temas como a construção do telégrafo na região ou ainda junto às reclamações patrióticas. Segue então alguns trechos do poema “DIA DE FESTA” (*O XAPECÓ*, 1892a):

Este grande se crê, julgando cheia  
De glórias sua vida portentosa,  
Elle – o verme, o reptil, o grão de areia !  
Porém... de quantos vingará a memória,  
Alguns annos após a mýsteriosa  
Partida desta vida transitoria? (*Ibid.*, p. 4).

Os elementos de uma poesia de leitura performática presentes no *O Xapecó* são diversos. Porém, esses poemas não têm grande relação com uma “oralidade primária”, ou melhor: tem uma relação secundária com a voz. Paul Zumthor, em seu célebre *Permanencia de la voz* (1985), esboçou o que veio a intitular de “tipologia geral dos ‘índices de oralidade’”(ZUMTHOR, 1985, p. 5, tradução nossa)<sup>16</sup> no intuito de categorizar as formas com que as culturas orais se relacionam com as letras, reduzindo-as, assim, em quatro categorias textuais: oralidade *primária*, onde a voz impera sem contato com a escrita; oralidade *mista*, sendo a escrita coexistente à voz no texto; oralidade *secundária*, através do predomínio da escritura sob a voz; oralidade *mediática*, através dos fenômenos de comunicação como as rádios e a música.

Também, Roger Chartier (2002), ao analisar o conto que Sancho narra ao seu senhor, em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), remete-se aos índices de oralidade de Zumthor revelando que a narrativa de Sancho dava-se por meio de diversas características

---

<sup>16</sup> “tipología general de las ‘situaciones de oralidad’”.

orais: “multiplicação de repetições, de orações relativas, de frases mal construídas” (Ibid., p. 23). O discurso que esperava Dom Quixote seria algo em torno de um texto em sua forma escrita, fixa e estável, em que predominasse uma oralidade secundária, como o poema do jornal *O Xapecó* anteriormente citado, todavia, Cervantes expõe a discursiva de Sancho aos modos textuais de uma oralidade mista, evidenciando a inexistência de um império das letras sob a voz em determinada cultura escrita.

No final dos anos 1940 e início dos 1950, os jornais da região de Chapecó expõe um outro tipo de relação com a voz. Poemas simbolistas de ícones como Leôncio Correia<sup>17</sup> (*O XAPECÓ*, 1892a, p. 4), ou até mesmo de Antero de Quental<sup>18</sup> (*O XAPECÓ*, 1892b, p. 4), já não mais aparecem com tanta frequência. Por inúmeras vezes, vê-se que a voz poética nessa face da imprensa começa a ser anexada aos cidadãos: aos intelectuais locais. Sejam em torno da religião ou da política, esses textos tomam uma forma bem particular, por vezes até sob influência do próprio simbolismo, através algumas figuras que aparecem no periódico, porém sem deixar as peculiaridades que cabem à região. Vale-se ressaltar que o simbolismo brasileiro tomou grande parte do movimento poético paranaense do final do século XIX e início do XX (CAROLLO, 1971), assim como influenciou diversas figuras em Santa Catarina, como é o caso do poeta Cruz e Sousa (1861-1898), também no final do século XIX, e de Juvêncio de Araújo Figueiredo, com seu *Praias de minha terra* de 1927 publicado em Florianópolis. No Rio Grande do Sul, essa vertente literária também pode ser vista em obras como *Via Sacra* em 1902 por Marcelo Gama (1878-1915), sendo este um dos expoentes do simbolismo riograndense (AMARAL, 2010, p. 19). O simbolismo significava uma grande parcela da cultura poética da região sul do país e, sendo assim, sua influência era quase que inevitável.

Dando espaço aos intelectuais regionais, e aí entendendo por “intelectual” como um indivíduo situado num espaço criativo frente a sociedade (SHILS *apud* SAID, 2005, p. 46), o simbolismo ganha outras proporções no recorte do final dos anos 1940 e início dos 1950, como é o caso da breve seção poética *Das “SOMBRAS”*, do *Jornal do Povo* de 1953. Esses poemas vinham em autoria do próprio diretor do jornal, Ricardo C. Albuquerque, pioneiro da prática poética no jornal. Nas edições anteriores, sob direção de Carlos de Danilo Quadros, viam-se publicados textos de articulistas em torno dos acontecimentos regionais e nacionais, como é o caso da matéria acerca do linchamento de 1950, ocorrido em Chapecó (JORNAL DO POVO, 1951a, p. 2). Porém, já era dada voz à expressão cidadina, como podemos ver nos

17 (1865-1940) Poeta paranaense que circulou nos movimentos simbolistas brasileiros, tendo importante participação no movimento simbolista curitibano da revista *O Cenáculo* – movimento compreendido entre os anos de 1895-1897 (ver “CAROLLO, Cassiana Lacerda. Papel da Província no Simbolismo Brasileiro. *Letras*, São Paulo, v. 19, p.75-82, 1971”).

18 (1842-1891) Poeta português que circulou entre o realismo e o simbolismo.

diversos artigos publicados em autoria de Roberto Machado, já citado no capítulo anterior. Num de seus artigos, Machado remete a Cícero afim de criticar o cenário senatorial dos anos 1950 (JORNAL DO POVO, 1951, p. 4).

Anterior a Albuquerque, sob a direção de Carlos de Danilo Quadros, o jornal, por vezes, ganhava uma coluna de “Literatura” (JORNAL DO POVO, 1951b, p.2), que divulgava ensaios poéticos em prosa, porém, é sob nova direção, a partir de 1953, que os poemas versificados produzidos em âmbito regional começam a circular regularmente no jornal. *Das “SOMBRAS”* expunha versos cheios de religiosidade, suas formas de oralidade eram bem expostas como *secundária*, e sua poética textual aludia a uma leitura silenciosa. Esses poemas, em maioria compostos em quadras, traziam a “grandeza moral que na doutrina,/ Deixou no mundo ao partir JESUS” (JORNAL DO POVO, 1953a, p. 4).

Retomando as ideias de Paul Zumthor (2010, p. 9), os elementos performáticos presentes nesses poemas podem ser evidenciados em trechos como “Céu azul de estrêlas cintilantes ./ Templo iluminado **não vi** igual” (JORNAL DO POVO, 1953a, p. 4, grifo nosso), onde o texto remete ao autor como testemunha de um fato e que está sendo exposto em seus versos, ao ponto de atingir o tempo presente, oferecendo ao leitor a possibilidade de viver a experiência da morte de Cristo em “Do esplendor de tudo, que **nos** resta?” (*Ibid.*, p. 4, grifo nosso). De outro ângulo, o narrador do poema, como aqui vem a calhar Ricardo C. Albuquerque, cujo aparecimento é quase anônimo na seção *Das “SOMBRAS”* – visto que remetemos sua autoria aos poemas do *Jornal do Povo* do ano de 1953 pelo endereço contido, na mesma seção, na edição de 19 de fevereiro do ano – pode aludir às reflexões traçadas por Walter Benjamin (1987) acerca da narração.

Benjamin perpassa duas concepções do ato de narrar histórias, sendo essas as que cabem ao *viajante*, ou seja, ao indivíduo que teve contato com diversas narrativas e espaços ao longo de suas experiências de vida, e a que cabe ao *mestre sedentário*, caracterizando-o como aquele que conhece histórias sem sair de sua região, e que as obteve por meios diversos como a oralidade e a leitura. Assim, para ele:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

Porém, a compreensão dessas duas extensões do ato narrativo só pode ser evidenciada se levarmos em conta a “interpenetração desses dois tipos arcaicos” (BENJAMIN, 1987, p.

199). O viajante trabalhava na mesma oficina que o mestre sedentário, compartilhando suas experiências, aperfeiçoando suas narrativas, num processo de extrema imbricação. Nos versos de Albuquerque citados anteriormente, vemos como a linha tênue entre esse viajante, que testemunha o fato do Cristo crucificado, e o mestre sedentário, que tira ao tempo presente a indagação “que nos resta?” (JORNAL DO POVO, 1953a, p. 4).

O “poeta do *Jornal do Povo*” ainda possui diversos outros poemas importantes a essas análises, como é o caso de “Saudades”, também publicado em *Das “SOMBRAS”* na edição de 1 de fevereiro de 1953. Seus versos destoam da construção de três quadras<sup>19</sup> e uma dística<sup>20</sup> do poema “Natal” citado anteriormente, caminhando num modo poético de estrofe irregular<sup>21</sup>, composto por uma estrofe de 14 versos com rimas opostas e cruzadas:

Nem sempre pode a distância  
Esquece a quem queremos,  
Aqueles por quem nós temos  
Muita amizade e constância.  
Sendo a lembrança querida  
Faz muito a gente sofrer,  
Amôres perdidos na vida,  
Que não se póde esquecer.  
São doces instantes felizes  
De tudo que mais amamos,  
São máguas com cicatrizes  
Que até a morte levamos.  
E a isto, SAUDADE tu dizes,  
Portanto SAUDADE chamamos (JORNAL DO POVO, 1953c, p. 4).

Em “Saudade”, Albuquerque ressoa a carnalidade poética, ao ponto que tenta exprimir suas emoções por meio de experiências comuns às pessoas, tanto ao interlocutor, que assume o papel global em “Portanto SAUDADE **chamamos**” (JORNAL DO POVO, 1953c, p.4, grifo nosso), como de um leitor que dialoga de forma sensível com aquelas características: “E a isto, SAUDADE **tu dizes**” (*Ibid.*, p.4, grifo nosso). E isso não é apenas característico desse poema, quanto menos em Albuquerque: o texto poético incita a performance, a carnalidade. Ou seja, é característico da estética poética expor um universo atual ao leitor através da imaginação. Como afirma Paul Zumthor: “Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz” (ZUMTHOR, 2007, p. 54).

Assim, todo texto poético requer e incita uma performance, e isso é característico da poesia. Os elementos de oralidade que compõe um poema fazem parte de sua proposta, pois a

19 Estrofes compostas por 4 versos.

20 Estrofes compostas por 2 versos.

21 Estrofe composta por mais de 10 versos.

voz exala o caráter humano e sensível da relação autor-leitor. O historiador Paul Zumthor buscou caracterizar a poesia, em seu aspecto sensitivo, quando, em diálogo com o filósofo francês Merleau-Ponty (1908-1961), demonstra que seu corpo escritural é carregado de sensorialidade; daquilo que faz despontar os sentidos do leitor, ou seja, uma “poeticidade, assim, ligada à sensorialidade, a isto que alguns chamam o sensível, e que Merleau-Ponty denominava com uma palavra magnífica, emprestada à tradição do cristianismo primitivo, a carne” (ZUMTHOR, 2007, p. 80-81).

Sendo assim, tanto nas categorias de império da voz, da escrita, ou ainda de uma junção entre essas duas, a performance se vê como um elemento essencial, e que perpassa todas as categorias de transmissão poética. Todavia, uma análise não apenas pelo advento da performance, que certamente pode indicar fluxos orais mais primários – mesmo que não indique no texto escrito, mas sim na sua forma narrativa, como vimos em Benjamin (1987) –, mas também da forma rítmica e discursiva do poema como fonte direta para os indícios de uma cultura oral *mista* pode vir a ser mais clara em termos de explicitação dos diferentes estratos de domínio da escrita na cultura regional deste recorte temporal.

Também na década de 1950, a figura de um poeta assola a região de Chapecó. Vicente Morelato, autor do poema/livreto *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*, é tido como um enigma a ser decifrado em diversos pontos. Porém, centrando-se em seu texto, cunhado entre os anos de 1950 e 1953, adentramos em outro universo poético que não o dos jornais. Sua forma escrita e os índices de oralidade contidos na escritura sinalizam às formas mistas aos modos de Zumthor (1985), dando-nos fortes indícios de sua relação com culturas orais como o payadorismo<sup>22</sup> e a literatura de cordel.

Jovani Santos (1999) classifica categoricamente o poema de Morelato nos modos da literatura de cordel brasileira. Santos explana sobre os meios pelo qual essa forma literária se disseminava, e pela qual se decaiu, com ascensão da prática jornalística. Em seu texto, procura frisar, em diversos momentos, a relação entre os atos poéticos semelhantes ao cordel em diversas regiões do mundo europeu e americano – como Portugal, Espanha, Nicarágua, Argentina e Venezuela – com o cordel brasileiro. Essa breve contextualização ao que chama de “literatura popular em versos” (SANTOS, 1999, p. 19-22) dá a intenção de sua serventia como alicerce para o que virá no capítulo seguinte: “A tradição oral” (*Ibid.*, p. 25-28).

Ao discorrer acerca da tradição oral brasileira, Santos polariza suas influências em duas esferas: a lusitana e a africana. Alguns temas levantados nos são angulares, como a

---

22 Forma poética praticada pelas culturas subalternas latino-americanas e que impera a musicalidade rítmica dos versos e o repente do poeta.

assertiva do poeta socialmente subalterno, que caminhava entre repentes, destacando sua forte relação com as práticas de memorização. Porém, ao reduzir as influências da poesia oral brasileira nesses dois polos – lusitano e africano –, acaba por restringir toda uma multiplicidade da colonização nordestina a uma concepção sistemática e fechada, pois, a ocupação do nordeste por imigrantes foi de extrema diversidade. A ocupação holandesa da primeira metade do século XVII no nordeste brasileiro, por exemplo, que possivelmente traz consigo a cultura dos *pamflet* (MELLO *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 7), pode ser um dos aspectos de uma múltipla influência cultural na oralidade brasileira que não se restringe apenas ao livreto de cordel, mas abrange também outras práticas poéticas. Entretanto, vale ressaltar que o trabalho de Jovani Santos é de grande importância para o estudo do poema de Vicente Morelato, sendo o pioneiro numa certa análise do folheto e seu autor.

O poema, composto por 120 sextilhas<sup>23</sup>, assume forte relação com as culturas literárias subalternas americanas, ou as problemáticas intitulações “culturas folclóricas” e/ou “populares”, terminologia bem negada por Zumthor (2010), uma vez que cultura popular serve como designo para uma leva de produção literária inferior às práticas eruditas<sup>24</sup>. Sendo assim, no “continente americano, considera-se ‘folclórico’ o que for objeto de tradição oral; ‘popular’, de difusão mecânica” (ZUMTHOR, 2010, p. 22), o que acaba por suprimir a figura do poeta e sua importância enquanto intelectual. As sextilhas, diretamente ligadas às práticas orais afro-brasileiras e escritas lusitanas para Santos (1999, p. 26), além de realmente circularem por esses espaços, abrangiam outros movimentos poéticos pela América, como é o caso do poema *El Gaucho Martín Fierro* (1872), do argentino José Hernandez (1834-1886).

Outra escritura que pode evidenciar a composição poética em sextilhas – sendo esta ainda mais importante a este trabalho – gira em torno de Hugo Ramirez, residente de Erechim nos anos 1950, que compôs o livro *Gauchescas: décimas* no ano de 1957. Os poemas de Ramirez, além de serem compostos em sextilhas – com exceção do primeiro poema do livro, que é o único que carrega a característica de “décimas”<sup>25</sup> de seu subtítulo –, como em Morelato, também aludem aos índices de oralidade mista, onde a performance poética oral pode ser evidenciada no corpo textual da escritura, no qual o autor remete-se à própria prática falada de seu poema:

23 Estrofe composta por seis versos.

24 “Com efeito, na maioria das sociedades (atingindo o estágio de evolução em que se constitui um Estado), constata-se a existência de uma bipolaridade que engendra tensões entre cultura hegemônica e culturas subalternas. Estas últimas exercem uma forte função histórica: a de um sonho de desalienação, de reconciliação do homem com o homem e com o mundo; elas dão sentido e valor a vida cotidiana, o que não implica em sua identificação com as ‘tradições populares’, transformadas, atualmente, em objeto museológico (ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 20)”.

25 Estrofes compostas por 10 versos.

Droga mística do pago  
 De misterioso sabor,  
 Num rude canto de amor,  
**Minha voz aqui recita**  
 A gratidão infinita  
 Do gauchesco louvor! (RAMIREZ, 1957, p. 58, grifo nosso).

Tanto em Hugo Ramirez como em Vicente Morelatto, a prática poética está centrada nas sextilhas e no ato textual explícito de uma leitura em voz alta:

Sou autor desta poesia  
 Não preciso de arquivo  
**Eu trago na memória**  
**E para o povo eu digo**  
 Vicente Morelatto  
 É meu nome por extensivo (MORELATTO, 195-, p. 31).

Assim, ao citar que carrega os versos em sua memória, alude às formas de uma cultura oral onde, por mais que sua sociedade já tivesse contado com a escrita, esta não imperava em seu estrato social, coexistindo equipolentes, desse modo, letra e voz.

A forma de rima do *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento de quatro presos* de Morelatto é composta por meio cruzado. Sendo os versos que contém rimas representados pelo caractere ‘R’ e os demais pelo ‘X’, caminharia dessa forma: XRXXR. Como podemos ver nesta estrofe, por exemplo:

Começou pela polícia  
 Penosa **investigação**  
 Chegando a furar as unhas  
 Obrigando a **confissão**  
 E mais outras violências  
 Naquela triste **ocasião** (MORELATTO, 195-, p. 8, grifo nosso).

Essa forma rimática possui grandes semelhanças com os modos de rima utilizados nas composições de cordelistas nordestinos como Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) em *Vaqueiros e Cantadores* (1939), ou até mesmo Francisco das Chagas Batista (1882-1930) em *Os Revoltosos no Nordeste. A Hecatombe de Piancó e a Morte do Padre Aristides* (1929):

Isidoro e João Francisco  
 Os chefes da **revolução**,  
 Fugiram para o estrangeiro  
 Levando mais de um **milhão**,  
 Lá brigaram porque ambos  
 Queriam o maior **quinhão!** (BATISTA, 1929, p. 1, grifo nosso).

As rimas cruzadas nas sextilhas são, em grande maioria, a forma aderida pelos cordelistas nordestinos, sendo uma prática também vista no poema de Morelatto. Toda via, em Hugo Ramirez, vemos outra forma de rima em suas sextilhas. Seguindo um esquema parecido ao anterior, porém, onde ‘A’ representa um conjunto de rimas, ‘B’ um outro conjunto e ‘X’ os demais versos; *Gauchescas*, de Ramirez, segue, em grande parte, o padrão “XAABBA”. A modo de exemplo:

E em teus pousos, sob os astros  
 Tu descansavas, **carreta**,  
 Fazendo fundo a **silhueta**,  
 Do rude aedo **campeiro**  
 Que junto de algum **tropeiro**  
 Contava a sua **historieta** (RAMIREZ, 1957, p. 78, grifo nosso).

Interpoladas, o modo rítmico das rimas que Hugo Ramirez utiliza em suas sextilhas alude à forma de poetas como o já citado argentino José Hernandez em seu *El Gaucho Marchín Fierro*. Como afirma Pedruzzi (2016, p. 627) sobre o esquema seguido por Hernandez em suas sextilhas, pode ser igualado ao que segue Ramirez. Vejamos um trecho do poeta argentino:

Dos de ellos que traiban **sables**,  
 Mas garifos y **resueltos**  
 En las hilachas **enyueitos**  
 En freate se me **pararon**,  
 Y á un tiempo me **atropellaron**  
 Lo mesmo que **perros sueltos** (HERNANDEZ, 1872, p. 46, grifo nosso).

Outra aproximação que pode ser traçada do poeta de Erechim com o argentino Hernandez, e que aí o poema de Vicente Morelatto se distancia ainda mais, gira em torno da temática abordada em seus poemas. A cultura poética investida por José Hernandez frisava a crítica às culturas civilizadas letradas argentinas, que, para ele, levavam à barbárie, ou a um plano social inferior, o simbólico gaúcho, devido sua cultura e costumes, em grande parcela, não-letradas e camponesas (MINELLI, 2013, p. 7-9). Em Ramirez também podemos constatar esse empenho, tanto através do enaltecimento da figura do gaúcho, como também em trechos que incitam críticas à “civilização”.

Lá cravando o seu **hastil**  
 A redução **incendeia**,  
 O templo e a **taba saqueia**



E ao índio catequizado  
Torna, então, escravizado,  
Roubando-o de sua aldeia.

Roubando-o de sua aldeia  
Leva-o pra expo-lo em leilão  
Lá pela costa, onde estão  
Os núcleos e feitorais  
Que alcançavam' todos os dias,  
Maior civilização (RAMIREZ, 1957, p. 101).

Já, em Vicente Morelato, podemos ver o ato de enumeração das sextilhas, prática não muito comum no cordel brasileiro. Dentre as obras que pudemos verificar<sup>26</sup>, a prática configurava-se pela narração de uma história, através das sextilhas, porém, sem enumerá-las. A forma por enumeração das estrofes podia ser vista em poemas compostos em décimas<sup>27</sup>, como é o caso do poema *Cavalo Velho* (1971), do pernambucano José Gomes Sobrinho – Zé Gomes, o Vaqueiro –, que carregava inscrições numéricas romanas em cada uma de suas décimas. Porém, é interessante de se notar que em *El gaucho Matín Fierro*, de José Hernandez, também composto em sextilhas, porém com algumas diferenças em sua rítmica como vimos anteriormente, pode-se constatar a prática de enumeração, não das sextilhas, mas dos versos de seus poemas<sup>28</sup>.

Uma das hipóteses que podem ser levantadas através dessas análises caminha no sentido de uma mista influência na composição do poema *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*, podendo ter sido exposto tanto à cultura dos cordéis brasileiros, visto a forma de sua métrica poética, como a uma cultura payadora, visto o ato de ordenação de suas sextilhas através da enumeração, e à prática de enumeração das décimas nordestinas. Outra hipótese seria apenas uma relação entre a métrica brasileira nas estrofes de seis versos e a enumeração das décimas do nordeste do país. Tanto uma quanto outra expõe o caráter múltiplo e estratificado do contato entre oralidade e escritura num determinado espaço-tempo cultural.

Outra reflexão que pode ser traçada em torno do livreto de Morelato se dá no que gira em torno do modelo visual aderido pelo autor ou tipógrafo à obra. Sua capa possui alguns

26 Foram analisados 14 folhetos de cordel brasileiro compostos em sextilhas, dos quais: 5 de João Martins Athayde (1880-1959) (*A filha do pescador; A mulher roubada; História de Juvenal e o Dragão; O casamento de Calangro; Os sofrimentos de Alzira*), 5 de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) (*História da donzela Teodora; História da princesa da pedra fina; História do cachorro dos mortos; O casamento do bode com a raposa; O príncipe e a fada; Antônio Silvino*), 3 de João Melquiades Ferreira da Silva (1869-1933) (*História do valente sertanejo Zé Garcia; As 4 orfãs de Portugal; Combate de José Colatino com o carranca do Piauí*) e 1 de Silvino Pirauá de Lima (1846-1913) (*História de Zézinho e Mariquinha*).

27 Dez versos por estrofe.

28 O poema de Hernandez foi organizado, em edições posteriores à primeira, através da contagem em dezenas, ou seja, a cada dez versos via-se uma inscrição ao lado esquerdo indicando a altura da obra.

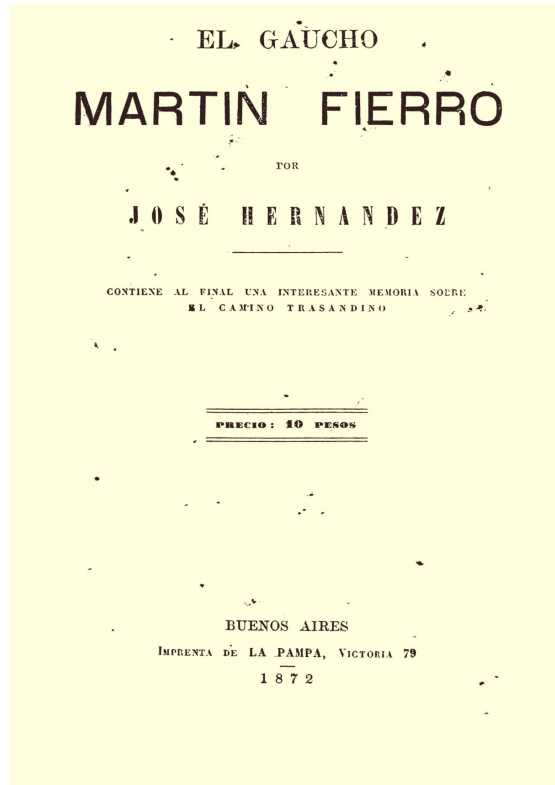
indícios de uma possível relação com o modelo aderido pelos cordelistas nordestinos, porém, não constam ilustrações, como era de prática comum entre a grande maioria dos poetas brasileiros. Todavia, tem grande semelhança com o modelo de capa aderido por payadores como José Hernandez em seu *El gaucho Martín Fierro*, o que pode demonstrar as influências dos tipos de folhetos que circulavam pela região ou o baixo orçamento para impressão do folheto.

Figura 1: Cordel nordestino brasileiro.



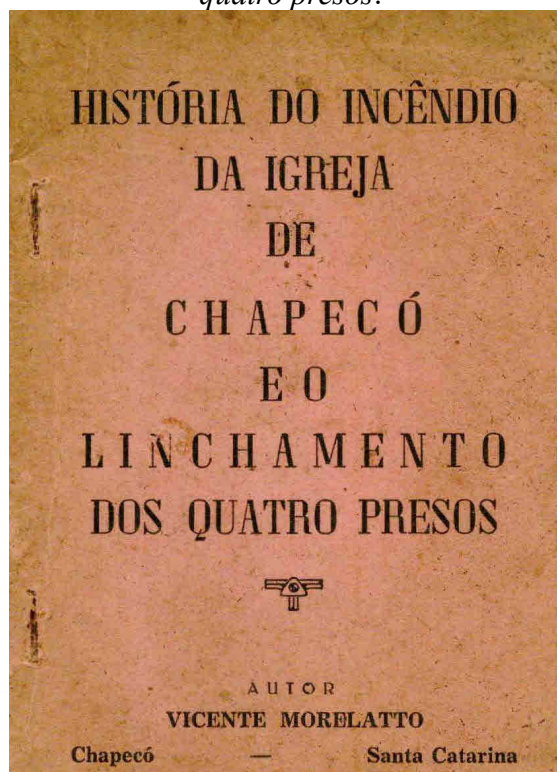
Fonte: SILVA, João Melquiades Ferreira da Silva. **Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí**. S.l. : s.n., 19--.

Figura 2: Capa do folheto *El Gaucho Martín Fierro* de José Hernandez.



Fonte: HERNANDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro*. Buenos Aires: Imprenta de la Pampa, 1872.

Figura 3: Capa do *História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos*.



Fonte: MORELATTO, Vicente. **História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos**. Chapecó: s.n., 195-).

O folheto de Morelatto, então, pode significar a presença de uma cultura escrita de oralidade mista em determinados espaços da Chapecó cinquentista influenciada pelas práticas tanto do cordel brasileiro como do payadorismo latino-americano; um estrato em que circulava o intelectual subalterno (ZUMTHOR, 2010, p. 20), que tinha em versos sua voz e memória, atuando de forma criativa através da ação social pela transmissão de narrativas, como indica em seus versos:

Eu quero fazer ciente  
A todo bom cidadão  
Vou reproduzir em versos  
E peço ler com atenção  
O caso de Chapecó  
Que se acha em narração (MORELATTO, 195-, p. 1).

Conforme Jack Goody (2012, p. 38), podemos ver que o processo de transmissão não se configura pelo simples ato de memorização e narração, mas sim por um processo que engendra uma composição criativa contínua como forma de sublimar o papel do indivíduo social, político e cultural que a circunda. Sendo assim, negar o papel individual e intelectual do poeta oral, seja numa realidade primária ou mista, é voltar-se à “falta de interesse na mecânica, à eliminação do elemento individual e à formalização exagerada da diferença” (GOODY, 2012, p. 38). E essa diferença existente é múltipla.

Como já vimos, os jornais da cidade de Chapecó aludiam a modos diferenciados de se lidar com a oralidade, através da narração, vezes pelo eu-lírico, vezes pela aproximação do interlocutor ao tempo-espaço presente, ou pela junção dessas duas características. E isso não apenas no *Jornal do Povo* da década de 1950, mas também nos poemas do *ATIRADOR* do *Jornal d’Oeste*:

Jamais meteu-se a balão.  
Mesmo porque ele só,  
Jamais promoveu verão,  
Fosse aqui ou em Chapecó (JORNAL D’OESTE, 1948b, p. 2).

Ou ainda encontravam-se em meio às tradições poéticas do simbolismo, como podemos ver nos moldes poéticos do autor regional Altamiro Pereira da Cruz:

Com a sentida fétida, inclemente,  
Ó calúnia, riácho ímpio e daninho,

Com fúria imensa feres o inocente,  
Lanças ao justo a lama do caminho. (JORNAL D'OESTE, 1948c, p.3).

Para o *Jornal d'Oeste*, o simbolismo ainda lhe era caro, sendo visto como matéria de forte circulação nos conteúdos do periódico, como é o caso do artigo de capa “Inconformismo de Cruz e Souza” (JORNAL D'OESTE, 1948a, p. 1), porém, embora esses jornais também se detivessem numa prática poética regional, o cunho de uma oralidade secundária, onde a voz se via subagrupada às letras, era bem-visto, pois os elementos indicadores de uma leitura em voz alta através da reprodução, como nos cordéis e payadores, eram praticamente nulos. Já, em Vicente Morelatto e seu poema, esses elementos nos saltam aos olhos como em enxurrada:

O que a Revista e a gente conta  
**Estes meus versos falados**  
Eu não condeno ninguém  
Nem quero ser condenado  
Para que todos me conheçam  
Deixo meu nome assinado (MORELATTO, 195-, p. 26, grifo nosso).

Dessa forma, vemos que uma dada sociedade, como aqui no cabe a cidade de Chapecó, ao ter contato com as letras, estratifica-se culturalmente, fazendo aflorar múltiplas práticas, sejam estas restritas à oralidade, à escrita ou a uma forma mista, onde prática oral e escrita se mesclam, confluindo em diversas formas de se conceber o indivíduo e a intelectualidade. Essas pessoas, como diria o canônico Edward Shils, “dotadas de sensibilidade incomum” (SHILS *apud* SAID, 2005, p. 46), atuam em diversos espaços através do questionamento às normas vigentes (SAID, 2006, p. 47), através de práticas que possam tanto acrescentar uma espécie de prestígio, como também como meio de se consolidar a própria existência humana.

Compreender que na Chapecó dos anos 1950 circulavam intelectuais no meio urbano e rural, nos jornais e nos panfletos, na voz e na escritura, é dar passo a um novo horizonte de compreensão das diferenças, onde estas não são simplesmente formalizadas e sistematizadas. É vislumbrar que, na mesma região em que circulavam indivíduos que, de certo modo, tinham ligação ou afinidade com movimentos literários simbolistas, também se faziam presentes indivíduos, como Vicente Morelatto, que se demonstravam questionadores a essas formas e que teciam seus próprios espaços de atuação frente a sociedade.

Essa intelectualidade, de certo modo subalterna, que desponta de uma cultura de oralidade mista faz abrir caminho para novas indagações, como as redes de relações desses indivíduos e suas aspirações e caminhos traçados durante a existência. Morelatto é umas

dessas existências que deixam intrigado o conhecedor de parte dela, porém, aqui nos cabe uma atenção ao seu papel como intelectual, deixando as nossas aspirações subjetivas para uma mesa de um café qualquer, como ele mesmo dizia:

Invensão é prá falar  
Nas mesas dos cafés  
Qem tem boa idéia  
Não arrasta os pé  
Não se maravilhas  
A não ser o que é (MORELATTO, 195-, p. 30).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido ressaltar o cunho que tomou esta pesquisa no que diz respeito à história intelectual regional, a ponto de que, inicialmente, a proposta se via mais próxima de uma perspectiva apenas em torno da cultura escrita que, com o decorrer de seu exercício, percebeu-se a escassez de fontes que colaborassem para um debate estritamente dos escritos e da bibliografia já existente acerca do tema. Isto se deu, principalmente, pelo fato de que a produção já existente não reforçava, em grande medida, as questões levantadas acerca da circulação de ideias fora do meio da imprensa chapecoense. Os trabalhos de Monica Hass (2013; 2000), por mais que servissem como forma de base para diversas questões nos entornos das políticas do recorte proposto – e estes foram de grande valia para nosso trabalho –, não abrangiam as questões mais pertinentes à produção escrita na região e, ainda menos, a questão da produção poética e suas influências nas culturas orais, pois também este não era o intento de sua pesquisa.

A partir desta assertiva, partimos para uma pesquisa de arquivo incessante, sobretudo nos arquivos do Centro de Memória do Oeste – CEOM, da Biblioteca Municipal de Chapecó, da Escola Municipal da Linha Bento Gonçalves, e praticamente em todos os espaços corriqueiros viáveis para tal aglutinação documental necessária para a pesquisa. Podemos afirmar que um dos motes desta pesquisa, que se determinava num certo distanciamento da História Oral e uma aproximação dos documentos foi bem determinante para os resultados que obtivemos.

Por mais que o caso de Vicente Morelatto e seu poema tivessem grande respaldo nas pesquisas regionais que tomam como premissa o coronelismo no período, a produção sobre o poeta e uma reflexão mais detalhada acerca dessa figura são quase nulas, sendo o único trabalho existente o de Jovani Santos (1999).

Sendo assim, podemos afirmar que compreendemos a presente pesquisa como base para outras futuras reflexões sobre os temas aqui levantados, sendo de grande importância para problemáticas historiográficas relacionadas ao intelectual subalterno, a produção poética regional, as culturas escritas e orais, as tramas políticas e os meios de comunicação em Chapecó. Francamente, esperamos que mais pesquisas nestes temas surjam na região, para melhor compreender as influências culturais da região do oeste catarinense, bem como de suas

dinâmicas de poder e suas afluências na vida cotidiana, demonstrando assim a presença ainda mais forte dessas figuras subalternas e suas práticas em seus respectivos meios.



## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História intelectual. **Tempo social**. [online]. 2007, vol.19, n.1, pp. 9-17.

AMARAL, Wendell de Freitas. **Implicações do olhar moderno na obra de Marcelo Gama**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. Papel da Província no Simbolismo Brasileiro. **Letras**, São Paulo, v.19, p.75-82, 1971

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

GOODY, Jack. **A domesticação da mente selvagem**. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO (Editor). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. 3 ed. Chapecó: Argos, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local**. Chapecó: Argos, 2000.

MINELLI, Ivía. Sarmiento e Hernández em diálogo: o universo da literatura gauchesca e o embate dos saberes no século XIX argentino. **Revista Contemporânea: Dossiê História & Literatura**, Niterói, v. 2, n. 4, p.1-20, 2013.

OLIVEIRA, Débora Motta de. **Jornalismo-arte na literatura de cordel**. 2007. 106 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. Explorando o território da voz e da escrita poética em Paul Zumthor. Revista *FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

PEDRUZZI, Tiago. Duas traduções de Martín Fierro. In: COLÓQUIO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ESCRITA CRIATIVA, 9., 2016, Porto Alegre. **[Des]limiães da linguagem**. Porto Alegre: Pppl, 2016. p. 622 – 629.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

SAID, Edward W.. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

SANTOS, Jovani. **O poeta da chacina**. Chapecó: Grifos, 1999.

VOJNIAK, Fernando. **O Império das Primeiras Letras**: Uma história da institucionalização da Cartilha de Alfabetização no século XIX. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354p.

\_\_\_\_\_. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. Permanencia de la voz. **El Correo**: Una ventana abierta al mundo, Paris, v. 1, n. 8, p.4-8, ago. 1985. Trimestral.

## JORNAIS

**A VOZ DE CHAPECÓ**. Chapecó, 23 nov. 1947.

**JORNAL D'OESTE**. Chapecó, 10 jul. 1948a.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 17 jul. 1948b.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 24 jul. 1948c.

**JORNAL DO POVO**. Chapecó, 15 fev. 1951a.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 17 mai. 1951b.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 25 jan. 1951c.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 22 mar. 1951d.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 1 mar. 1951e.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 1 fev. 1953c.

\_\_\_\_\_. Chapecó, 19 fev. 1953.

**O CHAPECÓ.** Passo Bormann, 15 jun. 1918.

**O IMPARCIAL.** Chapecó, 14 mar. 1954.

**O XAPECÓ.** Xanxerê, 7 mar. 1892a.

\_\_\_\_\_. Xanxerê, 22 nov. 1892b.

#### FOLHETOS

ATHAYDE, João Martins. **A filha do pescador.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **A mulher roubada.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **História de Juvenal e o dragão.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **O casamento do Calangro.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **Os sofrimentos de Alzira.** S.l.: s.n., 19--.

BARROS, Leandro Gomes de. **História do cachorro dos mortos.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **História da donzela Teodora.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **História da princesa da pedra fina.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **O casamento do bode com a raposa.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **O príncipe e a fada.** S.l.: s.n., 19--.

BATISTA, Francisco de Chagas. **Antônio Silvino.** S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **Cantadores e poetas populares.** João Pessoa: Ed. F. C. Batista Irmão, 1929.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores.** Porto Alegre: Ed. Livraria do Povo, 1939.

FERREIRA, João Melquiades. **História do valente sertanejo Zé Garcia.** S.l.: s.n., 19--.

HERNANDEZ, José. **El gaucho Martín Fierro.** 1. ed. Buenos Aires: Imprenta de La Pampa, 1872.

LIMA, Silvino Pirauá de. **História de Zézinho e Mariquinha.** S.l.: s.n., 19--.

MORELATTO, Vicente. **História do incêndio da igreja de Chapecó e o linchamento dos quatro presos**. Chapecó: [s. n.], 195-.

RAMIREZ, Hugo. **Gauchecas: décimas**. Erechim: Gráfica São Judas Tadeu LTDA, 1957.

SILVA, João Melquiades Ferreira da Silva. **As 4 orfãs de Portugal**. S.l.: s.n., 19--.

\_\_\_\_\_. **Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí**. S.l.: s.n., 19--.

#### OUTRAS

**BERTASO MAIA & CIA: Intrusos**. Chapecó, jun. 1921.

**BERTASO MAIA & CIA: Lotes**. Chapecó, fev. 1944.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE CORDILHEIRA ALTA: Vicente Morelato. Cordilheira Alta, s.d..

EDUCACIÓN, Ministerio de (Comp.). **Atahualpa Yupanqui**. Buenos Aires: Unidad de Programas Especiales, 2008. 12 p. Plan Lectura 2008.